



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Bandeirantes

Brasília-DF, 30 de outubro de 2006

Jornalista Franklin Martins: Boa noite, Presidente.

Presidente: Boa noite, Franklin.

Jornalista: Parabéns pela vitória. Eu vou começar com uma pergunta sobre a campanha. Quem lhe deu mais trabalho na campanha: o adversário ou o seu Partido?

Presidente: Não o meu Partido, porque o meu Partido ajudou demais. Eu acho que algumas pessoas do Partido terminaram dando mais trabalho, metendo os pés pelas mãos, e os adversários sempre dão trabalho, porque os adversários estão sempre trabalhando.

Jornalista: Mas deles se espera que dêem trabalho.

Presidente: Eu acho, Franklin, que essa é uma verdade nua e crua. Eu acho que alguns companheiros nossos meteram os pés pelas mãos. Uma campanha que tinha sido feita com muita tranquilidade, teve o segundo turno. Hoje eu agradeço ter tido segundo turno.

Jornalista: O segundo turno foi bom para o País?

Presidente: Foi bom para o País, acho que foi bom para mim, deve ter sido bom para o meu adversário, porque o segundo turno permitiu que pudéssemos



discutir algumas coisas que não tinham sido discutidas no primeiro turno e o povo veio para as ruas e compreendeu o que estava acontecendo no Brasil, Franklin.

Jornalista: Bom, o País precisa crescer 5% ao ano, pelo menos para gerar a quantidade de empregos necessária para absorver a mão-de-obra que todo ano entra no mercado de trabalho. Mas, para isso, o que tem de fazer? Cortar juros, cortar gastos? Os juros, por exemplo, só no pagamento de juros deste ano, vão 170 milhões de dólares. Isso é quase 20 programas de Bolsa Família. O que é prioridade: cortar juros ou cortar gastos?

Presidente: Primeiro, os juros estão em uma política de descenso e vão continuar caindo e, ao mesmo tempo, vamos continuar controlando a inflação e o País vai crescer. Nós precisamos aumentar a poupança interna, nós precisamos aumentar o crédito interno. O Brasil, havia 20 anos que a indústria da construção civil não crescia. Nós estamos, há dois anos, preparando a construção civil para ter um crescimento e vai tendo um crescimento muito bom, não só porque cresceu o investimento da Caixa Econômica, mas porque, com a Lei da Afetação, o sistema financeiro particular também pode financiar habitação. Nós temos grandes projetos industriais para o Brasil. Só a Petrobras tem 87 bilhões de dólares para investir até 2011.

Jornalista: Então, o senhor acha que esse crescimento já está vindo, já está a caminho, ou tem de fazer mais alguma coisa?

Presidente: Ele já está vindo, ele não aparece agora porque nós tivemos um terceiro trimestre muito fraco este ano, mas todos nós estamos convencidos, no Brasil e no governo, de que o Brasil precisa crescer 5% ou mais. Não tem



como a gente não crescer, porque nós precisamos dar um salto de qualidade na economia brasileira.

Jornalista: O Palácio do Planalto soltou uma nota dizendo que o ministro da Fazenda se chama Guido Mantega. Chama-se Guido Mantega hoje, ou o senhor já começou a anunciar o Ministério do novo governo, e ele é o próximo Ministro da Fazenda confirmado?

Presidente: Deixa eu te dizer uma coisa, Franklin. O que é desagradável é que as pessoas agem com irresponsabilidade, fazendo especulação em áreas que são extremamente delicadas. Eu ganhei as eleições, eu tenho o governo montado, sou eu que digo quem é que vai ser ministro e quem não vai ser ministro. O que eu posso te dizer é que o Guido é o meu ministro da Fazenda até quando eu quiser. Quando eu não quiser, ele não será, mas ele não deixará o governo por causa de palpite de alguns e especulação de outros. Eu gostaria que as pessoas não brincassem com coisa séria. Na hora em que eu tiver que anunciar o Ministério – eu tenho até o dia 1º de janeiro para anunciar – eu terei o maior prazer de convocar uma cadeia e anunciar: meu Ministério vai ser este. Podem ser os mesmos e podem não ser, mas me permita, como ganhador das eleições, fazer o meu governo.

Jornalista: O ministro Tarso Genro disse ontem que a Era Palocci acabou. Ele conversou com o senhor antes de dar essa declaração ou foi uma produção independente?

Presidente: Foi uma produção independente, porque eu penso que o que está acontecendo na economia hoje é uma coisa que começou a acontecer quando o Palocci assumiu o Ministério da Fazenda. Era preciso fazer o que nós fizemos para a gente poder ter a garantia de conversar com um jornalista como



you e dizer que a economia brasileira vai crescer. E vai crescer por quê? Porque nós criamos as bases para ela crescer, nós demos a seriedade que a economia precisava para crescer, e isso, Franklin, vai crescer com a mesma seriedade na política fiscal. Não era uma decisão do Palocci, era uma decisão do governo, era uma decisão do presidente da República, até porque eu dizia sempre o seguinte: política fiscal a gente tem que tratar como a gente trata o orçamento da gente em casa. Só gastar aquilo que pode gastar, se gastar mais, vai quebrar a cara. Nós vamos continuar com uma política fiscal séria, vamos continuar com a inflação controlada e vamos fazer crescer a economia.

Jornalista: Presidente, nós estamos saindo de uma campanha eleitoral muito dura, muitas acusações, a temperatura lá em cima. O senhor vai esperar a oposição descer do palanque para conversar com ela ou o senhor vai tomar a iniciativa de procurar a oposição para conversar?

Presidente: Eu já fui oposição muitas vezes, perdi muitas eleições e nunca fui chamado para conversar. É importante que as pessoas saibam que, no mundo inteiro, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha, oposição é oposição, governo é governo, quem ganha governa e acabou. Acontece que nós temos um Congresso Nacional muito diferenciado, nós não somos um Congresso em que você tem dois partidos. São vários partidos políticos e eu pretendo, com a coordenação política, trabalhar para que a gente construa a maioria necessária para votarmos os projetos considerados importantes, que vão desde a reforma política, a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, até o Fundo Nacional de Educação Básica, e outras coisas importantes que nós precisamos votar.

Se nós conseguirmos convencer a oposição de que eles podem até não gostar do presidente da República, é um problema deles, mas que precisam gostar do Brasil e votar nas coisas que interessam ao Brasil, será um ganho extraordinário para este País. Eu tenho liberdade, tenho amizade com quase



todos eles, eu vou procurá-los para conversar.

Jornalista: Por exemplo, reforma política. Como é que o senhor pretende conversar com a oposição? Porque sem a oposição fica difícil fazer a reforma política.

Presidente: Fica difícil.

Jornalista: Então, como o senhor pretende conversar, qual o cronograma que o senhor tem pela frente?

Presidente: Veja, primeiro, todos eles falam em reforma política, todos eles falam em fidelidade partidária, é preciso construir o financiamento público de campanha, é preciso que a gente discuta a questão da Comissão de Orçamento. Então, tem coisas que eu diria que são quase consensuais dentro do Congresso Nacional. E eu acho que essa coisa tem que ser feita pelos partidos, não é o presidente da República que vai tomar a iniciativa de mandar um projeto de reforma política.

Jornalista: Mas tem uma liderança do presidente da República para ver isso.

Presidente: Eu quero que os líderes do governo tratem de trabalhar essa reforma política com os líderes da oposição. Eu penso que as pessoas têm consenso sobre o que precisa ser feito no Brasil. Uma coisa, Franklin, que é preciso dizer, e dizer agora, depois das eleições, é muito melhor e muito mais fácil, é o seguinte: é preciso que a gente pense um pouco no Brasil e não pense apenas nas próximas eleições. Ou seja, vamos dar um tempo para o Brasil, porque as coisas estão construídas para o Brasil dar certo, e se as pessoas tiverem boa-vontade, o Brasil pode se tornar um país definitivamente



desenvolvido.

Jornalista: O senhor disse na entrevista, ontem, que uma coisa que chateia o senhor é que o senhor toma uma decisão e leva meses para ela ser colocada em prática, mas o senhor diz que agora isso acabou, que agora ela vai entrar em prática. Vai entrar em prática como? O senhor descobriu o caminho das pedras?

Presidente: Não, deixa eu te falar, eu sabia disso, porque tinha conversado com muitos outros presidentes da República, e entre você tomar uma decisão e essa decisão passar pela diretoria jurídica de um Ministério leva um tempo. Ou seja, o que eu tenho dito para as pessoas? A partir de agora, nós vamos ter tempo para tudo, ou seja, na hora que tomar uma decisão na minha mesa, essas coisas não podem demorar mais que 30 dias para começar a funcionar, porque se você toma uma decisão política, e depois você vai consultar o jurídico, significa que pode não acontecer o que você previu. Então, que se façam as consultas antes.

Eu me lembro de uma vez que um presidente me disse o seguinte: “Lula, normalmente 80% das decisões que a gente toma, a gente vai perceber, elas não andaram porque foram travadas em alguma assessoria”. Isso tem que acabar. A burocracia é necessária, mas ela não pode ser impeditiva do Brasil dar o salto de qualidade que precisa dar para crescer e distribuir renda.

Jornalista: O senhor vai tirar uns diazinhos para descanso, aí, no feriado de Finados?

Presidente: Eu tinha vontade. Eu tinha vontade de descansar quinta, sexta, sábado e domingo, estava até pensando em ir para a praia. Mas, agora, estou vendo que o tempo parece que vai chover.



Jornalista: Quando voltar desse descanso que o senhor vai ter, mesmo que o senhor fique em Brasília, o senhor já chama os governadores para conversar e para dar um ponta-pé inicial?

Presidente: Já. Eu já tenho conversado com muitos por telefone. Eu pretendo na próxima semana chamar os governadores para um almoço e conversar um pouco.

Jornalista: Todos? Não só os ligados ao senhor?

Presidente: Todos, porque eu não faço distinção agora. Ou seja, uns são meus aliados, outros são do meu Partido e outros são governadores que têm a mesma responsabilidade que todos. Eu tenho relações com o Aécio, tenho relações com o Serra, tenho relações com o Luiz Henrique, tenho relações com o Jaques Wagner. A única pessoa com quem eu não tenho uma relação mais próxima é com a governadora eleita do Rio Grande do Sul, mas ela é governadora e, portanto, ela merece ser tratada como todos os outros.

Jornalista: Uma última pergunta, rapidinho: o PT, no ano que vem, vai fazer um congresso, vai fazer um balanço. Qual o senhor acha que é a grande mudança que o PT tem para fazer? Qual é a mãe de todas as mudanças que o PT tem que fazer?

Presidente: Eu penso, Franklin, que o PT tem que ter uma direção compatível com a sua grandeza. Ou seja, é preciso saber qual é o papel dos governadores, qual é o papel dos prefeitos, dos deputados, dos senadores, porque você não pode ter uma direção que não representa as figuras públicas do Partido. O PT veio caindo, caindo, caindo, as pessoas foram ocupando



cargos e, agora, eu penso que o PT tem a maturidade para saber duas coisas: primeiro, não acabou, como alguns diziam que ia acabar; segundo, elegeu mais governadores, elegeu quase que a mesma bancada, e isso aumenta a nossa responsabilidade. Então, o PT precisa ter uma direção muito forte, para que possa fazer jus à confiança que o povo brasileiro deu ao PT nessas eleições.

Jornalista: Presidente, eu agradeço a entrevista, voltamos a São Paulo com o Ricardo Boechat.